

# **Papéis Velhos**

---

# **Teatro**

## **UMA PALAVRA**

"Papéis Velhos" é um trabalho de pesquisa com o qual o "Projeto Livro Livre" busca facilitar - tematicamente - o acesso a obras digitais disponíveis na Rede Mundial de Computadores, todas elas em Domínio Público e oriundas dos grandes acervos em idioma português, tais como: Domínio Público, Google Books, Biblioteca Brasiliiana da USP, Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa, Biblioteca Digital da Unicamp, Biblioteca Digital Nacional, Biblioteca Pública Benedito Leite, Biblioteca Nacional de Portugal, Internet Archive Projects, Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre muitos outros.

Todos os livros aqui reunidos buscam preservar a integridade e a autenticidade da fonte, o que inclui a manutenção da ortografia original conforme processo de digitalização dos respectivos acervos.

Para um melhor aproveitamento do conteúdo digital, muitas dessas serão adequadas ao padrão ortográfico atual, mediante um modelo gráfico que torne a leitura mais fluida e proveitosa.

A todos, boa leitura!

Iba Mendes  
*iba@ibamendes.com*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Cinquenta anos depois de Júlio Ribeiro

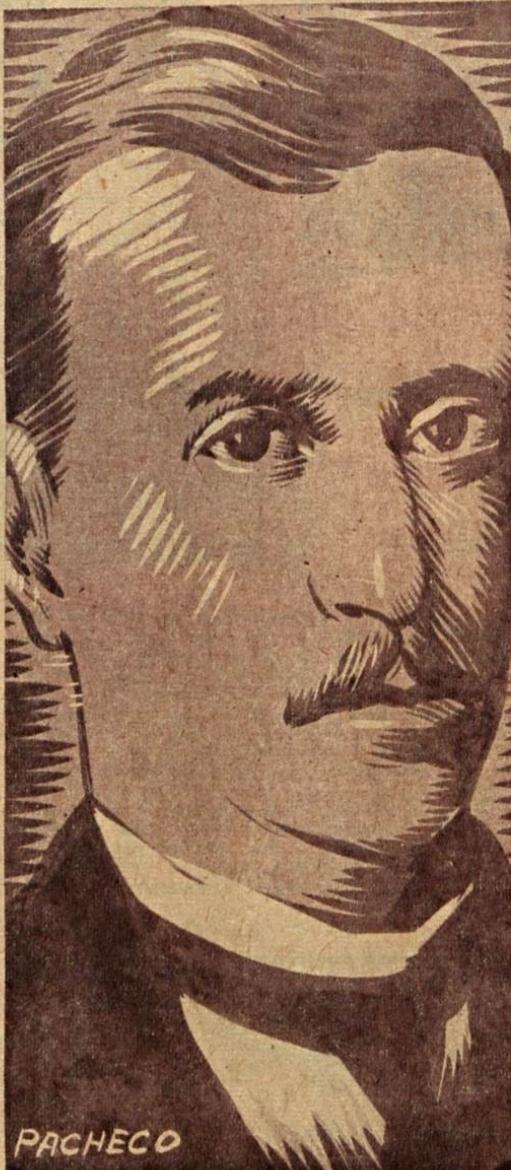
De OMER MONT'ALEGRE

O exemplar de "A Carne" que tenho em mão justamente no dia 1 de novembro de 1940, precisamente cinquenta anos após a morte do autor, traz a rubrica da 16.<sup>a</sup> edição, lançada neste mesmo ano de 1940; como todas as edições anteriores traz a dedicatória ao "príncipe do naturalismo", Emilio Zola e uma carta em francês, ao mestre de "Germinal", assinada Jules Ribeiro, datada de St. Paul, le 25 janvier 1888, onde, sob a alegação de que se uma vela não é sol mas nem por isto deixa de alumiar, "A Carne", não é uma obra como l'"Assommoir" mas não será por esta razão que deixará de ser lida. Não sei se Zola leu o romance do autor brasileiro que pretendia, cá por estas Américas, ser o cardial da religião de que ele, Zola, era o papa; não sei também se leu a carta ou se respondeu-a. Uma coisa, apenas, posso concluir depois de todas estas linhas: tinha razão Júlio Ribeiro; "A Carne", conforme está registrado em todas as histórias da literatura brasileira, é um romance sem qualquer mérito, que teria passado desapercebido não fôr vir assinado por uma personalidade de projeção nacional, segundo Agripino Grieco; apesar de tudo, porém, durante mais de meio século, este romance tem conseguido uma vitalidade somente comparável ao "Inocência" de Taunay. Ainda este ano vem à luz a sua décima sexta edição.

Este romance falso, artificial, sem nenhuma qualidade evidente, que deveria ter morrido pouco depois do seu aparecimento, teve na sua época a explicação de uma novidade; o que há nele de ousado, como forma literária ou como palavra escrita, a existência lógica dos seus personagens e consequente drama, tendo em conta o ambiente social do Brasil por aqueles tempos, e que tanto escandalizou a sociedade, forçando Júlio Ribeiro a vir à luta a defender a sua obra, é, diante de coisas mais modernas, para não dizer de nossos dias, de uma absoluta ingenuidade. Muito mais ambiente há nos romances do

Benjamin Costallat, muito mais lote, e, por que não dizer, mais ousadia, entanto já são hoje letra morta. O menos popular é "O Mulato" ou "Cortiço", de Aloísio Azevedo, apesar estarem muitos pontos acima de "A Carne", onde e por que razão se pode justificar o interesse permanente em torno deste livro a ponto de justificar que ele seja frequentemente reeditado?

E' um destes fatos que desorientam quem quer que se presuma conhecer o nível e as variações do gosto, bom ou mau, do público.



Júlio Ribeiro

que tanto quanto no revide; se fizera a custa de uma luta que tivera começo desde quando, aos 13 anos, procurou numa cidade grande um meio de ganhar a vida; e somente descansou desta peleja quando se foi deste mundo.

"Meu crime é ser sincero". A hipocrisia foi uma virtude de que nunca se pôde orgulhar; por isto mesmo teve pela frente, sempre, tantos adversários, tão encarniçados no seu aniquilamento.

O professor que ele foi, de que resultou o capítulo mais sólido de sua obra, desaparece ofuscado pelo polemista aguerrido; um dos segredos que possam justificar a projeção de "A Carne" no interesse do público, talvez tenha sido a luta violenta mantida em defesa do livro; o polemista sobrepujou o romancista. Deu permanecia a este. Tendo um pouco mais de mérito que "A Carne", o "Padre Belchior Pontes" interessa apenas como citação bibliográfica. Para os seus artigos de polemica, porém, há sempre uma curiosidade; há um interesse pelo real que foram, restrito, é verdade, à classe das letras.

"Eu sou o varão das dores". Raras vezes teria tido oportunidade de repetir esta frase, ocorrida ante a perda de um ente querido; não era do seu feitio deixar o sofrimento à mostra; era traço característico do seu temperamento, ser o mais fechado possível afim de ocultar o mal que lhe feria; por isto certamente foi que publicou em vários jornais uma nota em que pedia paz para morrer, às pessoas que se interessavam pelo seu estado de saúde ou pecuniário.

A sua obra não corresponde ao nível da sua cultura, dizem alguns; poderia ter deixado um legado bem maior... Tudo isto é tardio. Saibamos colher, dentre aquilo que deixou, a medida do quanto poderia ter feito e levemos o que não fez a débito das difíceis circunstâncias em que viveu. Colhamos da sua vida o exemplo da tenacidade, a fibra da luta, fazendo do seu exemplo uma lição.

## CURSO POR CORRESPONDENCIA

Preparatórios em dois anos para maiores de 18 anos, de acordo com o artigo 100 do Decreto 21.241.

CURSO ESPECIAL de Português e Matemática, Inglês e Francês. Peça informações detalhadas ao INSTITUTO DE CIENCIAS E LETRAS — São Pedro, 230, sob. — Rio de Janeiro.